

Fim da pobreza só depois de 2010

Durante longa entrevista a uma rádio paulista, FH afirma que não vai privatizar a Petrobras

Roberto Stuckert Filho

Sandra Boccia

SÃO PAULO

O presidente Fernando Henrique Cardoso não admite que é candidato à reeleição mas já fala do futuro como se tivesse mais cinco anos de governo pela frente. E avisa: os problemas sociais ainda se arrastarão por algumas décadas mais. Um estudo que tem mostra que a pobreza dos brasileiros cruzará o século e só será resolvida por volta de 2010.

— Eu não posso dizer que o Brasil, um país onde se luta com muita dificuldade, dentro de seis anos vá se tornar um país rico. Fiz estudos que mostram que mesmo com tudo o que estamos fazendo e vamos fazer ainda, teremos um contingente de pobreza grande na população até 2005, 2010.

Mas se a próxima eleição presidencial não está entre os seus assuntos prediletos, o Plano Real e as reformas administrativa, política e agrária formam a tônica de seu discurso. Fernando Henrique não hesita em defender os pilares de seu governo com unhas e dentes e, para isso, bate pesado na oposição — a quem acusa de estar na contramão da História —, justifica a importância do PFL para alcançar seus objetivos e cobra uma postura mais atuante dos governadores, além de se revelar espantado com a votação contrária à reforma administrativa na Câmara.

Além de se dizer preocupado com as mudanças sociais, o presidente revela sua insatisfação com a vida solitária no Alvorada. Entre o trabalho e a casa, diz que se sente prisioneiro da mídia, já que não pode visitar alguém ou ir a um restaurante sem despertar a curiosidade — e a especulação — dos jornalistas. Foi a tentativa de mostrar esse lado humano e o espírito cívico que deu o tom à entrevista concedida no Palácio à Rádio Jovem Pan, cujos principais tópicos o GLOBO mostra a seguir.

FH reclama da falta de liberdade

— Evidentemente aqui eu moro muito melhor. Mas há uma sensação de prisão também. Vivo em Brasília entre dois prédios. A minha rotina é deste prédio onde estou (que é o mais agradável) para o Planalto, onde eu trabalho. Eu vou e volto e não faço outra coisa. E nem posso fazer. Raríssimas vezes posso ir a um restaurante. Não posso visitar alguém que já sai no jornal que eu vou nomear não sei quem ou que estou pensando na reeleição. Sai logo uma porção de fofocas. Então vivo muito aqui dentro deste prédio. Por mais agradável que possa parecer, é uma sensação de prisão.

O presidente também deixou claro que a privatização tem limites. A Petrobras, por exemplo, não será privatizada. Segundo ele, a decisão se justifica porque se trata de uma empresa de importância estratégica. Quanto àqueles que ainda choram pela venda da Vale do Rio Doce, um aviso: o processo não tem volta e a União continua dona de metade das riquezas encontradas debaixo de terras brasileiras no futuro.

De qualquer forma, destacou, a Vale continua sendo nossa. No capítulo segurança, Fernando Henrique defendeu a importância da implementação do Sistema de Vigilância da Amazônia (Sivam) para proteger as fronteiras. Sobre o calcanhar-de-aquiles de seu projeto econômico, o desemprego, ele se defende com pesquisas em punho. Segundo os dados que colheu no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o problema é localizado, e não generalizado como se crê.

Os caminhos da sua possível reeleição também passam pela aprovação de outros projetos pela população. O presidente que quer voltar a posar com a faixa não quer chegar lá calçado apenas no Plano Real. Ele quer, antes de mais nada, contar com a confiança de todos os brasileiros. ■



FH EM SEU GABINETE: "Ainda não sou candidato porque acho que a discussão sobre o processo de reeleição é uma tese"